

# **A RELAÇÃO ENTRE TUTORES E SEUS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO SOB A ÓTICA QUÂNTICA, SISTÊMICA E INTEGRATIVA**

*Daniela Silva Starling – PUC-Minas*

*danielastarlingvet@yahoo.com.br*

## **RESUMO**

### **RESUMO**

Todos os seres vivos – e até mesmo os seres inanimados – possuem campos de energia. Portanto todos os seres materiais são energia que se desloca, captando e emitindo ondas conforme o ambiente em que vivem e com quem se relacionam. Assim, tanto os seres humanos quanto os animais respondem em ressonância às vibrações positivas ou negativas às quais se sujeitam. Neste ponto é que se unem medicina integrativa, sistêmica e quântica. A primeira pretende a percepção do indivíduo como um todo; a segunda prima para que ele seja visualizado como parte do todo; a terceira o inclui neste todo, como ser material e energético, com características similares à qualquer partícula subatômica. Por isso, para a Medicina Veterinária Integrativa, é de essencial importância estabelecer o elo entre tutor, Médico Veterinário e paciente. Para a Medicina Sistêmica, o animal participa coativamente da família multiespécie. E, para a Medicina Quântica, estamos todos indissoluvelmente ligados uns aos outros por elos invisíveis de energia. Este estudo utilizou-se das bases de dados Scielo, Google Scholar, PudMed e Lilacs, para abordar as relações entre tutores e seus animais de estimação sob a ótica quântica, sistêmica e integrativa, com o objetivo de estabelecer um ponto de intercessão entre estes conceitos, correlacionando-os aos processos de adoecimento e cura, concluindo que as relações entre os tutores e seus animais de estimação muito influenciam na saúde recíproca uns dos outros.

**Palavras-chave:** Quântica; sistêmica; integrativa; campos mórficos.

## **INTRODUÇÃO**

Albert Einstein, em sua Teoria do Campo Unificado – que formou as bases da física quântica – diz que toda matéria é energia e que toda energia é constituída por fótons. O fóton tem uma característica rara: ele se comporta simultaneamente como partícula e como onda, ou

seja, ao mesmo tempo em que é matéria, é vibração. Todos os seres vivos são, pois, visto que constituídos por fótons, energia que se propaga e se desloca continuamente. Assim, transmitem energia, captam, e são aquilo que transmitem e a maneira como recebem o que captam. Enfim, os seres vivos são aquilo que sentem, pois são energia vibracional em movimento. Por isso tanto os seres humanos quanto os animais respondem em ressonância às vibrações positivas ou negativas às quais se sujeitam (LAKHOVSKY, 1939).

Importa compreender que os animais, como seres sencientes, manifestam reações à dor, inclusive de origem psíquica, e são capazes de somatizar sintomas. A esse propósito, já na década de 1960, o biólogo e zoólogo inglês Gregory Bateson (*apud* PRADA, 2011) afirma que: “Mente é o processo cognitivo de manifestação da vida”. Disso se infere que os animais elaboram emoções e conseqüentemente projetam distúrbios no corpo físico, oriundos da alma ou de atividades mentais, inclusive, absorvendo tais emoções e somatizações das pessoas com as quais se relacionam e do meio em que vivem.

Nesse sentido, a professora Irvênia Prada iniciou formalmente o Movimento Cultural de Medicina Veterinária e Espiritualidade, na USP, no ano de 2010, cujos participantes buscam valorizar as implicações metafísicas e filosóficas na área da medicina veterinária. Em sua obra “A Alma dos animais”, afirma que “a palavra alma, como tradução dos termos latinos *anima* (enquanto vida) e *animus* (enquanto mente, psique, psiquismo e também alma e espírito)”, define os animais, posto que não são “coisas, ou simples máquinas automatizadas”, como considerava Descartes (1970). Portadores de sensibilidade, “têm também todos os outros atributos inerentes à sua senciência, como inteligência e memória” (PRADA, p. 8, 2018). Desta forma é que se sujeitam ao estresse, à depressão, à ansiedade, manifestando enfermidades em interação com o meio em que vivem e com quem vivem, sujeitando-se a doenças crônicas para as quais a medicina cartesiana ou tradicional, muitas vezes, não tem cura. Para a medicina complementar e no que se refere às terapias quântica, sistêmica e integrativa, é preciso cuidar da alma, das emoções (OLIVEIRA, 2019).

O vínculo entre animais e as pessoas com as quais se relacionam é um elo factível que necessita ser profundamente analisado, uma vez que se queira também compreender a causa de enfermidade nos animais. Neste ponto é que se unem os conceitos de medicina integrativa, sistêmica e quântica. A primeira pretende a percepção do indivíduo como um todo; a segunda prima para que ele seja visualizado como parte do todo; a terceira o inclui neste todo, como ser material e energético, com características similares a qualquer partícula subatômica. Por isso, para a Medicina Veterinária Integrativa, é de essencial importância estabelecer um elo entre tutor, médico veterinário e paciente na formação da compreensão terapêutica, tanto no que diz

respeito ao diagnóstico como ao tratamento das moléstias (OTANI e BARROS, 2011). Para a Medicina Sistêmica, o animal participa coativamente da família multiespécie. E, para a Medicina Quântica, estamos todos indissoluvelmente ligados uns aos outros por elos invisíveis de energia (DOS SANTOS e LOPES, 2016). Dessa forma, torna-se premente o requerimento de uma nova visão que aquebrante tabus antigos: o sentimento que permeia as relações entre tutores e seus animais de estimação, e vice-versa, não pode mais ser renegado a um plano oculto ou silencioso.

Neste estudo procura-se demonstrar, através de uma revisão de literatura, as relações entre tutores e seus animais de estimação sob a ótica quântica, sistêmica e integrativa e sua correlação com os processos de adoecimento e cura.

## **METODOLOGIA**

Para a realização desta revisão foram utilizadas as bases de dados Scielo, Google Scholar, Lilacs e PubMed, em inglês, português e espanhol, a partir das palavras-chave: medicina veterinária quântica, medicina veterinária integrativa, medicina veterinária sistêmica, teoria dos campos mórficos, teoria do campo unificado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Deepak Chopra (2013) relata em seu livro “A cura quântica” uma pesquisa realizada na Universidade de Ohio (EUA) na década de 1970, na qual objetivava-se estudar o efeito de dietas tóxicas sobre as artérias humanas utilizando-se coelhos como cobaias. Esses animais foram divididos em grupos e alimentados com uma dieta que continha alto índice de colesterol, e, depois de certo tempo, resultados como entupimento das artérias aconteceram em todos os grupos, exceto em um deles, que, excentricamente, apresentava sessenta por cento menos sintomas que os outros. Após especular sobre a causa dessa ocorrência, os cientistas descobriram que o estudante encarregado de alimentar aquele grupo específico acariciava cada coelhinho antes de lhe dar a comida. Experiências similares então, foram repetidas, em que um grupo de coelhos recebia um tratamento neutro e outro grupo recebia amor, e os resultados obtidos foram os mesmos. Nas palavras do autor, “é espantoso perceber que a evolução dotou a mente de um coelho de uma reação de imunidade que possa ser desencadeada pelo carinho

humano” (p. 48). Dessa forma, podemos entrever que o carinho, as manifestações de afeto, efetivamente contribuem para aqueles que as recebem de maneira positiva, culminando em aumento da imunidade, quer seja pela liberação de hormônios protetivos da mesma, quer seja pelo fator emocional, cujo peso indubitavelmente interfere na relação saúde-doença. Claramente, nas muitas obras desse autor, pode-se entrever a relação entre o que se pensa e sente e a doença ou a cura.

Entender o termo quântica é essencial para se compreender a medicina como capaz de realizar um tratamento amplo e visionário, não das disfunções em si, mas dos processos que conduzem a elas. Han, Yang e Chen (2011) argumentam que o quantum é a menor quantidade de alguma entidade envolvida em uma interação. A ligação entre radiação eletromagnética e quantização da transferência de energia sugere que o quantum seria um novo mensageiro biológico. Na esfera vibracional pode-se entrever campos eletromagnéticos que se comunicam uns com os outros, interligando todos os corpos no universo por meio de feixes luminosos, denominados biofótons (ZOLET, 2015). As primeiras hipóteses sobre essa transmissão de informação surgiram nos anos 1920, com os experimentos de Alexander Gurwitsch, que descobriu uma radiação ultra fraca na divisão celular de cebolas, observando que havia diferença no número de mitoses em raízes de cebola separadas por quartzo, ocorrendo transmissão de luz ultravioleta e promovendo aumento da taxa de divisão celular. Com base nessa experiência, esse cientista postulou que os organismos vivos se comunicam por meio de luz ultravioleta (GURWITSCH, 1988). Hoje a ciência admite que plantas, animais e humanos emitem essa radiação fraca, bem como microrganismos, atuando como forma complexa de comunicação intercelular, além daquela propiciada por mediadores químicos (TRUSHIN, FUß e SCHMID, 2004).

Pela deficiência de comprovações na esfera científica através de experimentos realizados pelos conhecidos métodos afins, a medicina quântica ainda é vista como uma “falsa ciência” (REVERSI, 2020). Todavia, é inegável a premissa de que pensamentos e sentimentos provocam reações benéficas ou maléficas ao organismo. As consequências dessas reações são perceptíveis quando se considera, por exemplo, a genética comportamental ou doenças crônicas oriundas de fatores inespecíficos, como depressão e ansiedade, e que são transmitidas aos descendentes ou partilhadas entre indivíduos que vivem num mesmo ambiente (GERBER, 1992).

Para Pereira (2017) toda matéria, incluindo seres vivos, natureza e objetos, está interligada em um ponto de vista subatômico. Todo o universo visível e invisível, físico e mental, é constituído por vibrações (BRAGA e LYRIO, 2020). O cientista Itzhak Khait, e seus

colegas da Universidade de Tel Aviv em Israel, identificaram que pés de tabaco e tomateiros emitem uma sequência de "gritos" ultrassônicos quando estão sob estresse (KHAIT *et al.*, 2018). Os girassóis emitem sons quando se “sentem” sem energia, e o que acontece, num campo de girassóis, é que as outras plantas começam a vibrar em direção àquela planta que está sem energia, e assim ela se recompõe (VEITS *et al.*, 2019). Tudo no universo depende de uma partícula em movimento; toda partícula depende de uma estruturação que lhe dá suporte para sua própria existência (MLODINOW e SHERMER, 2017).

Para Rupert Sheldrake (1999, p.17), biólogo e filósofo inglês, em sua obra “Cães sabem quando seus donos estão chegando”, “os animais detêm poderes de percepção que vão além dos sentidos conhecidos”. Após quinze anos de pesquisas, esse autor reuniu nesse livro, além de alguns experimentos realizados por outros cientistas, relatos de pessoas que sugerem que os animais, especialmente os cães, gatos e cavalos, são aptos a desenvolver comunicação telepática, senso arguto de direção e ainda capacidades premonitórias. A telepatia explicaria porquê os cães sabem quando os donos estão chegando, mesmo que ainda não ouçam algum ruído ou farejem algum cheiro que os remeta a essa hipótese. Ou porquê os gatos muitas vezes se aproximam do telefone segundos antes de que alguém por eles estimado ligue. Ou porquê os cavalos sabem retornar para casa, ainda que não conheçam o lugar por onde seguiram. Ou ainda, porquê os elefantes preveem terremotos.

Conforme o dicionário Houaiss da língua portuguesa, o termo “telepatia” assim é definido:

“Comunicação de pensamentos, sentimentos, conhecimentos de uma pessoa para outra, sem o uso dos sentidos da audição, da visão, do olfato, do paladar ou do tato”.  
“Comunicação à distância entre duas mentes, que ultrapassa a capacidade de percepção normal.”

As comunicações se dão por meio de conexões (TRUSHIN, FUß e SCHMID, 2004). No campo da neurofisiologia, há evidências de potencial transferido, ou seja, de que a atividade elétrica pode ser transferida de um cérebro para o outro sem uma conexão direta. A não localidade é a comunicação sem sinal que ocorre na consciência, o domínio da potencialidade que pode ser constatada inclusive no nível macro da nossa experiência (GOSWAMI, 2018). Assim, para o modelo quântico, que prioriza a consciência como fonte dos eventos, a telepatia é um processo sutil baseado na potencialidade presente na consciência cósmica que é uma só para as partes envolvidas (OLIVEIRA, 2006). Golfinhos, baleias, macacos, insetos, grãos de terra, e até mesmo os elementos químicos, todos têm um meio de interação, uma espécie de comunicação energética, cujo alvo desemboca numa organização sistemática pela qual coexistem e sustentam o todo (SHELDRAKE, 2005).

A física quântica sugere que as doenças em animais de estimação podem ser reflexo de desequilíbrios ambientais, físicos, emocionais, mentais ou espirituais, relacionados aos humanos com os quais o animal convive (OLIVEIRA, 2006). O contato entre animais e tutores tem profundos impactos no psiquismo de ambos (SANTANA, 2021). Além disso, a forma como o animal é tratado e cuidado interfere em sua saúde (OLIVEIRA, 2019). Cães, gatos e cavalos são extremamente sensíveis aos comportamentos das pessoas com as quais convivem, inclusive, excelentes leitores corporais de seus tutores. (CHELINI e OTTA, 2016).

O fenômeno quântico parte justamente da ideia de que há coisas que não podem ser observadas, mas isso não quer dizer que não existam, como a consciência, por exemplo. E é exatamente essa consciência, a mente, o espírito, que tornam possíveis pensamentos, sentimentos, conexões energéticas, sistemas que, no mundo físico, não são visíveis, porém observáveis, dependendo do observador (RHEINGANTZ, 2004).

Admitindo essa abertura para o “mundo das possibilidades”, a física quântica prepara o caminho para a aceitação do modelo “Ciência e Espiritualidade”, a partir de experiências sensoriais da realidade advindas do conhecimento do universo das partículas subatômicas. Trata-se de um novo paradigma epistemológico que supõe a existência de sintonias racionais, sensíveis e éticas entre o que se pode comprovar por metodologias sistemáticas e o que se pode sentir, pensadas em relação à vida como um todo (TACANÁ e CORREIA, 2022).

A grande polêmica fomentada por Sheldrake em uma de suas obras iniciais foi a hipótese dos campos mórficos, publicada em 1981 no livro “*A New Science of Life*”. Segundo esse autor, “as atividades dos animais individuais dentro de um grupo são coordenadas através do campo do grupo” e “a conexão entre animais de estimação e seus tutores e entre animais e a natureza, ocorre através dos campos mórficos” (SHELDRAKE, 1981, p. 167). Em sua própria definição, “os campos mórficos são estruturas que se estendem no espaço-tempo e moldam a forma e o comportamento de todos os sistemas do mundo material” (p.46). Dessa forma, átomos, moléculas, cristais, organelas, células, tecidos, órgãos, organismos, sociedades, ecossistemas, sistemas planetários, sistemas solares, galáxias: cada uma dessas entidades estaria associada a um campo mórfico específico, que atua similarmente a um ímã, cujo poder de atração magnética afeta todo o meio ao seu redor, de forma invisível, porém detectável. Basicamente, através desses campos, o que se transmite é a informação de uma situação vivenciada por um organismo aos demais (ARANTES, 2019).

Sheldrake denominou esse processo de informação coletivizada de “ressonância mórfica”. Por meio dela, as informações se propagam no interior do campo mórfico sendo transmitidas a outros indivíduos, grupos ou sociedades, independentes do tempo e do espaço.

Curvam-se os conceitos tão-somente racionalistas diante dessa concepção e o antigo paradigma mecanicista é definitivamente colocado em contrapeso. Um novo arquétipo reconhece uma correlação entre todos os fenômenos e o fato de que todos os indivíduos e sociedade estão encaixados nos processos naturais (CAPRA, 1996; SANTOS, 1996; SARTORI, 2005; SCHEIFFER, 2014).

Quando considerada em sua condução de memória coletiva dentro de um grupo social, essa teoria pode ser comparada ou relacionada em aspectos psíquicos à teoria do inconsciente coletivo, de Carl Jung, uma vez que ambos os autores pretendem elucidar os comportamentos humanos e animais a partir de uma possível conexão interespécies (PRAISNER, 2014; FERNANDES, 2015; FREIRE *et al.*, 2016). Os integrantes de um grupo social são ligados uns aos outros por meio do campo mórfico desse grupo e podem continuar ligados ainda que uns se distanciem dos outros. Esses laços agiriam como uma espécie de comunicação telepática entre animais e animais, pessoas e animais e pessoas e pessoas (WHEATLEY, 1992; SHELDRAKE, 1995, 1999; FERNANDES, 2015). Assim, torna-se indeclinável a observação dos padrões de comportamento de cada animal doméstico dentro do seu sistema familiar, visto que, por meio da ressonância mórfica os comportamentos dos tutores podem ser transmitidos aos seus animais de estimação (BONILLA, 2012). Na medicina veterinária é comum a ocorrência de casos em que o tutor relata que o seu animal apresenta comportamentos semelhantes aos seus, ou até mesmo doenças físicas ou psíquicas, bem como desconfortos ou dores. Tais padrões surgem em decorrência do intenso convívio do animal com seu tutor, sendo transmitidos através dos campos mórficos (OLIVEIRA, 2019)

Algumas revistas científicas ampararam as teorias de Sheldrake, mas, mesmo entre aqueles que o aplaudiram, quando tentam explicar a energia por essa concepção, continuam presos aos antigos dogmas racionalistas. É como se houvesse uma fórmula dinâmica e imutável para toda e qualquer relação quântica-energética, ou mente-corpo, doença-tratamento, ou como se todas as relações entre pessoas e pessoas, e pessoas e animais, e animais e animais fosse previsível e padronizada. No meio científico, por um argumento pético, energia é definida como o potencial inato para executar um trabalho, podendo ser medida em joules. No meio holístico, energia é algo fluido, que pode emanar de um corpo e ser percebido por outro, não necessariamente pelo corpo, mas pelo espírito que volteia o corpo (PRADA, 2011). A partir do entendimento de que os seres vivos são energia, trocam energia, transmutam-se conforme a energia que recebem e são passíveis de modificações elementares mediante circunstanciais adversidades de origem emocional, pode-se entrever que a doença e a saúde são manifestações de estados quânticos (GERBER, 1992).

Aristed Essner (*apud* Sheldrake, 1999) realizou um experimento com cães da raça Boxer. Inicialmente, colocou mãe e filhote em duas salas separadas, à prova de som, sem qualquer contato visual ou auditivo. Numa sala, um experimentador utilizou um jornal para ameaçar o filhote, o qual apresentou uma reação de medo. Exatamente no mesmo instante, a mãe, na outra sala, se encolheu demonstrando a mesma reação. Em outro experimento parecido, um cão boxer foi colocado em uma câmara isolada e conectado a um eletrocardiógrafo enquanto sua tutora foi colocada num quarto a certa distância. Um homem entrou neste quarto e gritou ameaçadoramente contra a tutora. No mesmo instante, os batimentos cardíacos do cão aceleraram-se violentamente (SHELDRAKE, 1999).

Na obra citada anteriormente, Sheldrake traz outros exemplos de experiências semelhantes realizadas com várias espécies de animais e entre estes e pessoas. Em todas elas os animais possuem algum tipo de ligação com outro animal ou alguém, e reagem, inclusive, quando esse outro, a quem estão ligados, morre, ainda que distante, ou sofre algum acidente. Isso o fez concluir que há uma telepatia intrínseca nas relações que, de alguma forma, comportam laços de afetividade. Segundo o autor, a telepatia está relacionada a emoções, necessidades e intenções e não necessariamente está dissociada de outros sentidos, podendo ocorrer simultaneamente com o ato de cheirar, ver ou ouvir, porém atuando independente destes. Experimentos realizados com grupos de animais, como rebanhos, cardumes ou pássaros também o conduziram à presunção de que os animais se comunicam, quer seja para potencializar um alarme diante de uma situação de perigo, quer seja para uma revoadada aparentemente desmotivada num qualquer entardecer.

Quando se lê Sheldrake, do início ao fim, é inevitável concluir que o autor associa os campos mórficos a uma espécie de energia, não em sua conceituação física, mas como fenômeno quântico, fluido, mental e espiritual. A neurociência cada vez mais consente que a consciência é um campo de informação e as memórias consolidadas não têm tempo (ABREU, 2018). Nossas mentes funcionam como um campo estendido que nos conectam ao ambiente e uns aos outros (MEIRA, 2017). Assim, é improrrogável que a medicina veterinária passe a enxergar os animais como seres abstratos, impositivamente anímicos, passíveis de uma relação íntima com as pessoas que os cercam a tal nível que o adoecimento destas possa causar distúrbios de ordem psicológica e até mesmo física naqueles (GERBER, 1992).

É sabível que os seres humanos e os cães são seres sociais. Os gatos também o são, à sua maneira. Cavalos, ratos, macacos, abelhas, formigas, golfinhos apresentam sociedades distintas e reconhecíveis *latu sensu*. Para se organizarem em sistemas sociais com o objetivo de obtenção de alimentos ou defesa própria, os animais, ao longo de sua existência, permitiram a



inclusão de espécimes diferentes dentro do seu grupo social específico (MERKLE *et al.*, 2015). Contudo, por si, isso não justifica a permanência por tempo indeterminado nestes grupos. A antropóloga Deborah Rose (2011) escreve, num livro dedicado aos cães selvagens, que o amor em tempos de extinção nos obriga a colocar outras questões, a encontrar outras histórias, a criar outros laços. A vida nos torna inventivos e, mais particularmente: ela não para de fabricar laços e de nos fazer fabricá-los. A vida, sob todas as suas formas, inclusive a vida em período de morte e de luto, ou, como em nossos dias, em período de graves perigos e de extinções maciças, leva os seres a criarem laços (DESPRET, 2016). E, pela visão sistêmica, inseridos na sociedade humana, os animais já são parte daquilo que chamamos “família” (SOARES, 2022), entendida como o conjunto de pessoas que, ainda que não possuam grau de parentesco, estabelecem entre si laços afetivos e vivem na mesma casa formando um lar (BIROLI, 2014).

Dias e Belchior (2019) nos informam que os animais de estimação, especialmente o cachorro, deixaram de ser o melhor amigo do homem, passando à qualidade de filhos. Tanto que, bastante comum nos dias de hoje, é a constituição da família multiespécie, na qual cães ou gatos, ou ambos, substituem a procriação ou ocupam junto aos filhos o lugar de irmãos. Não obstante, o cão continua sendo o melhor amigo do homem, sendo inequívoca a sua vocação para tal premissa em face de sua fidelidade e companheirismo. Seguin *et al.* (2016) enfatizam que a família multiespécie se conjuga pela formação do laço social no qual se respeita a diferença e a condição de não humanos dos animais relativamente ao cuidado e ao carinho que estes necessitam e sabem retribuir. É nesse sentido que Faraco e Seminotti (2010) definem a família multiespécie como o grupo familiar que se reconhece constituído por pessoas e seus animais, cujo vínculo se constitui pelas emoções.

Quando a Medicina Veterinária propõe como um caminho, a Saúde Única (*One Health*), a visão sistêmica passa a ser um dos instrumentos de atividade para a observação destas conexões entre seres humanos, animais, meio ambiente, família e profissionais da área médica, num nível muito profundo (SOARES, 2020).

Para o vice-presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo, Fábio Manhoso, a Medicina Veterinária Sistêmica traz uma visão humanística e holística diferenciada de encarar doença, saúde e família. O médico-veterinário sistêmico é, pois, um profissional preparado para uma abordagem terapêutica familiar. Consoante apregoa Carla Soares, em seu Tratado de Medicina Sistêmica:

“O Médico Veterinário Sistêmico deve buscar estar num estado de presença e atento na busca das questões ocultas e inconscientes que o campo morfogenético do seu cliente/paciente apresenta. As intervenções devem ter uma base de humanização e

percepção do Ser com seu corpo físico, mental, emocional e espiritual” (SOARES, 2020, p. 65).

“Ele não olha só para o animal, mas para o sistema familiar, para as relações intrafamiliares, identificando esses pontos de dor que são projetados no animal e que causam vários prejuízos clínicos, comportamentais, biológicos e de desenvolvimento. A Medicina Veterinária Sistêmica serve para compreender qual posição, tamanho e lugar os vínculos entre animais e seres humanos acontecem numa dinâmica familiar, objetivando a compreensão dos vínculos entre seres humanos, animais e o meio ambiente através de um olhar para o que está oculto e inconsciente nessas dinâmicas” (SOARES, 2020, p. 23).

São diversos os estudos que avaliam a ligação dos tutores ao seu animal de estimação, porém, os estudos que avaliam a ligação do animal com seu tutor são raros (SERPELL, 1996). Ainda que menos reconhecidas ou estudadas, as emoções nos animais não são menos qualificadas ou intensas comparadas às emoções humanas (OLIVEIRA, 2019). A visão sistêmica é, sobretudo, uma maneira de o médico veterinário entender seu paciente sob a ótica da família em que está inserido. A terapia sistêmica é realizada por meio da constelação familiar, com o objetivo de se compreender qual o papel do animal de estimação no núcleo familiar, bem como identificar os distúrbios originados no ambiente familiar, muitas vezes, de origem inconsciente (SOARES, 2020).

Considera-se imprescindível a observação dos padrões de comportamento de cada animal doméstico dentro do seu sistema familiar, pois, através da ressonância mórfica podem estar adquirindo comportamentos semelhantes aos de seus tutores (OLIVEIRA, 2019).

Integrar significa, conforme o dicionário Houaiss da língua portuguesa, “incluir num só conjunto, integralizar, compreender, reunir, juntar”. Na medicina significa considerar todas as formas de tratamento para buscar a cura (LEITE e STRONG, 2006). Neste contexto é que se estabelece a medicina integrativa, com o propósito de tratar o indivíduo como um todo, inclusive trazendo-o como sujeito ativo nos processos de adoecimento e cura, buscando identificar as causas multifatoriais da doença (OTANI e BARROS, 2011).

Em grego, “*holos*” significa “todo, inteiro, conjunto”, determinando que o todo está em cada parte e cada parte se encontra no todo (SMUTS, 1996, *apud* LIMA, 2008). Assim, a visão holística pressupõe acatar todas as possibilidades de um fato, alcançando o equilíbrio físico, emocional, mental e espiritual, através de práticas que complementam a alopatia, com o benefício de apresentar uma menor gama de contraindicações e efeitos colaterais (LEITE e STRONG, 2006).

Terapias complementares são empregadas na Medicina Integrativa com a intenção de tratar os campos energéticos dos animais (NOGUEIRA *et al.*, 2021). Sob o ponto de vista

holístico, ao prestar assistência à saúde, o profissional visa harmonizar e equilibrar entre si todas as dimensões do ser humano, atuando não só no corpo físico, mas também nas energias mais sutis. Para tanto, é importante buscar formas alternativas de assistência que tratem do corpo, da mente e do espírito, sem necessariamente lidar diretamente com crenças religiosas (ALVARES, 2020). É preciso entender que o cuidado integral pressupõe a visão quântica, sistêmica e abrangente do indivíduo, como ser integral e integrado às pessoas com as quais convive no sistema familiar, em relação aos seus laços de afetividade e emocionais, num universo vibracional em que várias formas de vida se complementam (CHOPRA, 2013).

Existem mais de quarenta práticas integrativas atualmente reconhecidas por lei federal no Brasil, para atendimento via Sistema Único de Saúde (SUS), sendo que a maioria delas também é utilizada na Medicina Veterinária (OLIVEIRA, 2019). Como exemplos podem ser citadas o Reiki, a acupuntura, a musicoterapia, a fitoterapia, a utilização de florais vibracionais, a homeopatia, a aromaterapia e a cromoterapia.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo exposto, pode-se compreender que existem vínculos entre pessoas e animais e entre todos os seres vivos, concebidos como campos energéticos, sendo, entretanto, perceptíveis num nível mais sensível e abstrato. A palavra “espiritualidade” parece significar algo oposto à ciência. Contudo, em contracorrente, diversos cientistas estão trazendo ao mundo dados suficientes para que ciência e espiritualidade sejam vistas como concepções que precisam caminhar de mãos dadas, com o fim de alcançar um pleno entendimento do Ser individual e coletivo, sujeito a desequilíbrios provocados tanto pelo meio em que vive, quanto pelos seus próprios sentimentos e pensamentos.

Enxergar os animais como seres completos, que sentem e pensam, é uma nova visão, a qual encontra respaldo na medicina quântica. A partir desta concepção, torna-se visível o elo entre tutores e seus animais de estimação, em que sentimentos e sensações, bem como distúrbios e emoções são partilhados. E, entender a união inevitável da visão sistêmica e quântica é essencial para a visão integrativa, em que o tratamento integrado do indivíduo como um todo pode também curar o todo, e, definitivamente, não apenas tratar a doença, mas o Ser em si, numa convicção mais ampla e conexa com sua natureza universal.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, I. H. O vitalismo das práticas integrativas e complementares e o conceito de campo da ciência moderna. **VITTALLE – Revista de Ciências da Saúde**, v. 30, n. 1, p. 115-129, 2018.
- ALVARES, D. A. Tratamentos antineoplásicos: foco na perspectiva holística da fé como agente terapêutico. **Pubsaúde**, v. 4, p. 066, 2020.
- ARANTES, J. T. Ressonância mórfica: a teoria do centésimo macaco. **Revista Galileu**, v. 1, 2019. Disponível em < <http://galileu.globo.com/edic/91/conhecimento1.Htm>>. Acesso em 15 ago. 2023.
- BATESON, G., *apud* PRADA, I. de S. **Emoções nos Animais**. II Congresso brasileiro de bioética e bem-estar animal. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte-MG. 2011.
- BIROLI, F. **Família**: novos conceitos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.
- BONILLA, E. **La casualidad formativa**. *Investigación Clínica*. Universidade de Zulia Maracaibo. Venezuela, 2012.
- BRAGA, T.; LYRIO, G. **A Lei da vibração e a ciência do som visível**. Fractal Science. Disponível em < <https://fractalscience.org/a-lei-da-vibracao-e-a-ciencia-do-som-visivel-cimatica/>>, acesso em: 08 de jul. 2023.
- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- CHELINI, M. O.; OTTA, E. **Terapia assistida por animais**. Barueri: Manole, 2016.
- CHOPRA, D. **A cura quântica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.
- DESCARTES, R. **Descartes Philosophical Letters**. Trad. A. Kenny. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- DESPRET, V. O que diriam os animais se. **Caderno de Leituras**, n. 45, 2016.
- DIAS, M. S.; BELCHIOR, G. A guarda responsável dos animais de estimação na família multiespécie. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 14, n. 2, 2019.
- DOS SANTOS, J. G.; LOPES, P. Q. Teoria quântica e terapia vibracional, uma nova visão a ser inserida nas práticas integrativas e complementares: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**, v. 5, n. 5, p. 142-176, 2016.
- FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. **Psico**, v. 41, n. 3, 2010.

FERNANDES, M. **Cara de um, focinho de outro**. São Paulo, butterfly. 2015. 192p.

FREIRE, P. S. *et al.* **Memória coletiva: Aproximação epistemológica das teorias de Sheldrake e Jung** Área temática: Gestão do Conhecimento Organizacional. 2016.

GERBER, Richard. **Medicina vibracional: uma medicina para o futuro**. São Paula: Editora Cultrix, 1992.

GOSWAMI, A. **O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material**. São Paulo: Aleph, 2018.

GURWITSCH, A. A historical review of the problem of mitogenetic radiation. **Experientia**, v. 44, p. 545-550, 1988.

KHAIT, Itzhak *et al.* Plants emit informative airborne sounds under stress. **Biorxiv**, p. 507590, 2018.

HAN, J.; YANG, M.; CHEN, Y. Quantum: may be a new-found family in biological systems. **BioScience Trends**, v. 5, n. 3, p. 89-92, 2011.

JUNG, C. G. **Analytical psychology: Its theory and practice**. London: Routledge, 2014.

LAKHOVSKY, G. **O segredo da vida**. 2ª edição. Mokelumne Hill: Heinemann Medical books Ltda, 1939.

LEITE, T. F.; STRONG, M. I. A influência da visão holística no processo de humanização hospitalar. **O mundo da saúde**, v. 30, n. 2, p. 203-214, 2006.

LIMA, P. A. O holismo em Jan Smuts e a Gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 14, n. 1, p. 3-8, 2008.

MEIRA, I. **Porquê os padrões familiares se repetem nas gerações: A teoria dos Campos Mórficos – explicando os padrões familiares**. Disponível em: <https://animamediacao.wordpress.com/2017/07/12/campos-morfogeneticos-porque-os-padroes-familiares-se-repetem-nas-geracoes/comment-page-1/> Acesso em 13 ago. 2023.

MERKLE, J. A.; SIGAUD, M.; FORTIN, D. To follow or not? How animals in fusion–fission societies handle conflicting information during group decision-making. **Ecology letters**, v. 18, n. 8, p. 799-806, 2015.

MLODINOW, L.; SHERMER, M. Cosmic consciousness and the ptolemaic principle: a review of *You Are the Universe: Discovering Your Cosmic Self and Why it Matters* by Deepak Chopra and Menas Kafatos. **Skeptic (Altadena, CA)**, v. 22, n. 1, p. 57-61, 2017.

NOGUEIRA, B. R.; VIANA, L. M. V.; SILVA, G. F. O uso terapêutico de reiki nas clínicas médica de animais. **Jornal MedVet Science FCAA**, vol. 3, n.1, 77p, 2021.

OLIVEIRA, M. A. **Interação dos campos mórficos na medicina veterinária: a relação humano-animal sob uma visão sistêmica**. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em

Medicina Veterinária) Orientador: Manuella Rodrigues de Souza Mello – Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019.

OLIVEIRA, R. T. **A neurodinâmica pode explicar a consciência: uma análise da proposta de Walter Freeman.** Orientador: Dr. João de Fernandes Teixeira. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, 2006.

OTANI, M. P.; BARROS, N. F. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. **Ciência & saúde coletiva**, v. 16, n. 3, p. 1801–1811, mar. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9QPwFdccDdPTSb633rbJBq/#ModalHowcite>>, acesso em: 12 ago. 2023.

PEREIRA, R. K. **Interação mente-natureza, vivenciando a física quântica: explicações e experimentos no âmbito das práticas integrativas e complementares de saúde.** Práticas integrativas e complementares em saúde. I Congresso Nacional de PICS. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31870>>, acesso em: 21 ago. 2023.

PRADA, I. Emoções nos Animais. II Congresso brasileiro de bioética e bem-estar animal. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte – MG, 2010.

PRADA, I. de S. **A alma dos animais.** O Clarim: São Paulo, 2018.

PRAISNER, T. O que há de semelhante entre os conceitos de arquétipo e campos morfogenéticos? Uma aproximação conceitual entre Carl Gustav Jung e Rupert Sheldrake. Universidade Estadual do Centro-Oeste/Departamento de Psicologia, Irati PR. Anais da XIX Semana de Iniciação Científica. UNICENTRO. Guarapuava – PR, 2014.

REVERSI, L. C. **Prolegômenos a uma epistemologia das ciências: por uma abordagem organicista omnilética.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ensino de Ciências. Orientador: Prof. Dr. João José Caluzi. Bauru: 2020, 76f.

RHEINGANTZ, P. A. **De corpo presente:** Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: < [http://www2.gae.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/03/corpo\\_pres.pdf](http://www2.gae.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/03/corpo_pres.pdf) >, acesso em: 20 ago. 2023.

ROSE, D. **Wild Dog Dreaming:** Love and Extinction. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2011.

SANTANA, F. J. **Interação com animais:** seu reflexo sobre os efeitos depressivos da sociedade atual. Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária do curso do UniAGES. Paripiranga, 2021.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Afrontamento, 1996.

SARTORI, R. C. **O pensamento ambiental sistêmico: uma análise da comunicação científica da ESALQ/USP.** Dissertação apresentada à escola de agricultura Luiz de Queiroz.

Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em ecologia de agroecossistemas. Piracicaba, 2005.

SCHEIFFER, R. G. **Visão sistêmica e holística na ciência: a ressignificação do conceito de vida.** Universidade federal do Paraná. Curso de Ciências Biológicas. Curitiba 2014.

SEGUIN, É.; ARAÚJO, L. M. de; CORDEIRO NETO, M. R. Uma nova família: a multiespécie. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, v.82, abr.-jun. 2016.

SERPELL, J. **Evidence for an association between pet behavior and owner attachment levels.** Department of Clinical Studies, School of Veterinary Medicine. University of Pennsylvania, Philadelphia, 1996.

SHELDRAKE. R. **A new science of life: the hypothesis of formative causation.** London: BlondanBriggs, 1981. 273p.

\_\_\_\_\_. **The presence of the past.** Nova York: Vintage Books, 1995. 828p.

\_\_\_\_\_. **Cães sabem quando seus donos estão chegando.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **A new science of life.** Petaluma: Icon Books Ltd, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista.** Tradução Mirtes Frange de oliveira pinheiro. São Paulo: Editora Cutrix, 2014.

SOARES, C. A. **Tratado de Medicina Veterinária Sistêmica.** Brasília: UniCEUB, 2020.

TACANÁ, C. F.; CORREIA, H. S.; A alma dos animais: ciência e espiritismo. Rile/Jile – **International Peer Reviewed Journal.** BRA, v. 8, n. 1, p.90-106, Jan-Fev, 2022.

TRUSHIN, S. A.; FUß, W. ; SCHMID, W. E. Dissociative ionization at high laser intensities: Importance of resonances and relaxation for fragmentation. **Journal of Physics B: Atomic, Molecular and Optical Physics**, v. 37, n. 19, p. 3987, 2004.

VEITS, M. *et al.* Flowers respond to pollinator sound within minutes by increasing nectar sugar concentration. **Ecology letters**, v. 22, n. 9, p. 1483-1492, 2019.

WHEATLEY, M. J. **Liderança e a nova ciência: Aprendendo organização com um universo ordenado.** São Paulo: Cutrix. 1992.

ZOLET, C. S. Biofótons e a comunicação quântica das células. **Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 35–52, 2015. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/revista-praticas-interativas/article/view/472>. Acesso em: 12 ago. 2023.